

AS AVENTURAS DE TRÊS CAÇADORES

DOIS MESES DE SAFARI NO KENYA

Especial para a «Fauna» no Brasil

Clementino C. Lisboa

A publicação destas linhas pela revista FAUNA não tem a pretensão de trazer nova contribuição a assunto já muito explorado, focalizado por centenas de escritores e caçadores, em dezenas de idiomas.

Tampouco nos movem objetivos de auto-propaganda sobre fatos e casos que, na verdade, não têm a significação nem o valor que muitos pretendem atribuir-lhes, mormente aquêles que dos mesmos já participaram.

Foi somente para atender a insistentes pedidos do esforçado fundador desta revista, sr. Thomaz D'Amato, que concordamos em trazer para suas páginas as impressões sobre uma caçada na Africa, safari de dois meses incompletos que realizamos no Kenya, Africa Oriental Inglesa.

Ainda há bem poucos anos, uma incursão desse gênero através do Continente Negro, em busca dos animais de grande porte, constituía façanha assaz difícil, verdadeira cruzada a que só se aventuravam os mais destemidos e pacientes. As longas viagens marítimas até o Continente Africano, e, uma vez lá, os preparativos de penetração rumo ao interior, com o indispensável aliciamiento de negros para as diferentes tarefas e o preparo do equipamento sem o qual torna-se impossível a entrada na

«jungle», constituíam apenas as dificuldades iniciais.

Hoje a coisa é bem diferente. Só no território de Kenya existe meia dúzia de organizações inteiramente equipadas e prontas para largar, tão cedo desembarque o freguês no aeroporto de Nairobi, bastando para tanto entrar em entendimentos prévios de certa antecedência.

Tal não significa, todavia, que a caçada perca o interesse ou, como pensam alguns, seja preparada para turistas como fonte de receita para os governos dos diferentes territórios.

Existem, naturalmente, a obrigatoriedade do pagamento de uma licença de caça, válida por um ano e com número limitado de animais, aliás bastante extenso. Sobre algumas espécies, entretanto, recaem restrições maiores, pelo que não fazem parte da licença geral, variando esta restrição desde a proibição absoluta em caçá-los, como os gorilas do Congo-Belga, a Palanca Negra Gigante em Angola, os rinocerantes brancos, cuja caça hoje está proibida em tôda a Africa, até à proteção relativa, que consiste em cobrar uma licença extra para cada animal que não conste da licença geral.

Uma permissão de caça para Kenya está custando mil shillings, ou seja, 50 libras africanas, cujo valor é igual ao da libra inglesa. O portador desse «permis» fica apto a caçar onde melhor lhe aprover, excluídas evidentemente as áreas demarcadas como reservas de caça ou os parques, porque estes sim são para turistas que vão apreciar os animais como vivem em seu próprio «habitat», havendo até um deles — Neyeri — que possui pequeno hotel construído sobre gigantesca árvore.

Dentro dos termos dessa permissão de caça é possível abater 76 animais de 31 espécies diferentes como, p. ex., 3 búfalos, 1 leão, 3 gnus, 9 gazelas de Thompason e 1 de Grant's, 6 bushbucks, 5 zebras, 4 impalas, 1 Eland etc. etc. Os elefantes, leopardos, rinocerantes, girafas e alguns outros que não figuram na licen-



O caminhão virou, capotando tôda a carga...

RES BRASILEIROS NA AFRICA



Vista parcial do 1.º acampamento. Foto especial para a revista "Fauna" no Brasil



Exercício de tiro ao alvo. Bastam poucos tiros com as armas de grosso calibre para derrubar uma árvore

ça geral, estão sujeitos ao pagamento da taxa adicional. Um elefante custa 75 libras o primeiro e 100 libras o segundo, não sendo permitido matar mais de dois, a não ser, é claro, em caso de carga. Já os rinocerantes estão mais desvalorizados valendo apenas 15 libras cada, bem como as girafas, cabendo aos leopardos a taxa de 10 libras por cabeça e 5 para os avestruzes.

Os animais incluídos na categoria de «vermin», isso é, nocivos, podem ser abatidos indiscriminadamente, sem nenhum limite, tais como hyenas, chacais, cachorros do mato, facocheros, baboons, crocodilos, etc. etc.

O preço da licença e os animais que ela inclui variam de ano para ano e de local para local; em Tanganyika o seu custo é de 30 libras e no Sudão é permitido matar 3 elefantes.

Por aí se vê que se restrições existem, estas são bem generosas satisfazendo amplamente ao caçador mais exigente, e o preço de 20 libras para caçar durante um ano quantidade praticamente ilimitada de animais, é, convenhamos, ridiculamente baixo. Mesmo levando-se em conta o preço exigido para os elefantes, um

bom exemplar paga em marfim varias vèzes o seu custo.

Quanto às organizações de caça, pertencem a particulares, sempre de caçadores profissionais que, bem equipados de material e pessoal, e, sobretudo de magníficos pisteiros, levam rapidamente aos locais que sabem existir abundante caça permitindo um alto resultado em pouco tempo, como no nosso caso, abatidos que foram 114 animais de grande porte em 45 dias apenas.

Com exceção do leão de juba preta que é inegavelmente o trofeu africano mais reputado, todos os outros grandes felinos e animais considerados perigosos foram por nós conseguidos, não escapando um: único: leão, leopardo, guepardo, elefante, rinocerante e búfalo.

O preparo desta caçada começou em novembro de 1951, com a troca de correspondência entre dois grupos de caçadores, sendo que nossa preferência recaia sobre os ingleses Stan Laurence Brown and Lunan, de Nairobi. Dada a necessidade que tínhamos de obter dois profissionais, com as respectivas viaturas e pessoal, visto não ser aconselhável uma caçada dêsse gênero em grupos de mais de dois atiradores e nós eramos três — tivemos de abrir mão dos ingleses, já que no momento só dispunham de 1 caçador; Mr. Brown achava-se em safári que deveria prolongar-se até Março. Contratamos então os serviços do caçador e guia indú IKRAM UL HASSAN, de Mombasa, que se prontificou a obter o outro profissional, um seu irmão de nome Mamouth. Mais tarde verificamos que cai-



Carro de caça. Possui um alcapão no teto por onde é feita a observação

mos num lôgro; Mamouth era caçador bisonho e a antítese do seu xará antediluviano. Tuberculoso em último grau, não podia caminhar cem metros sem entrar em quase colapso; às vezes tínhamos receio que ele ficasse estirado no campo depois de pequena caminhada. No fim passou a ser apenas um chauffeur e nosso interpetre junto aos «boys» swahilis sendo que nos últimos 15 dias abandonou qualquer atividade limitando-se a permanecer no acampamento. Ikram Ul Hassam, muito superior ao irmão, deixa todavia bastante a desejar, especialmente no que se refere ao nervosismo, que sempre o acomete nos momentos em que o domínio dos nervos representa fator decisivo de êxito. É entretanto bom conhecedor da região, sabendo dos locais onde estão as grandes manadas e contrata pessoal de primeira ordem, especialmente os pisteiros-coluna-mestre de uma caçada na África.

Acertados os detalhes, fixamos nossa partida para os primeiros dias de fevereiro, tendo Hassam iniciado os preparativos com 2 meses de antecedência.

Finalmente na manhã chuvosa do dia 3 de fevereiro, embarcamos num avião da K. L. M. via Dakar: Alberto Lobo Machado, médico; Oswaldo Aranha Filho, industrial; e o autor desta modesta crônica. Em Dakar, onde chegamos a 1 1/2 da madrugada do dia seguinte, permanecemos 48 horas, embarcando às 6 para Joannesburg, na União Sul Africana. Dia 9 pela manhã, num «Constellation» da South-African Airways, retomamos vôo para Nairobi que alcançamos nessa tarde.



Interior de uma barraca

Em Nairobi, capital da caça, em cujo aeroporto nos esperava Hassam, ficamos até 13, aproveitando o tempo para conhecer a cidade e seu parque, fazer roupas, experimentar e escolher as armas, e tirar as licenças de caça. Um vestuário completo de caça em brim kaki custa uma bagatela e é entregue, sob medida, em 2 dias. Um par de botas com sola de borracha própria para grandes caminhadas, também feita sob medida, é entregue em 24 horas e custa menos de 3 libras.

Para uma caçada de 2 meses, um par de botas, 2 pares de meias e duas roupas são suficientes porque o boy encarregado da lavagem dá conta do serviço de um dia para outro. Nós levamos mais roupas que se tornaram desnecessárias e não chegaram a ser usadas.

De posse de nossas licenças de caça inclusive as extras para elefantes, rinocerantes, leopardos e girafas, fomos à presença do chefe do «Gam Departament» que é a suprema autoridade do Território nos assuntos relacionados com a caça, o que vale dizer, uma das mais altas personalidades da Colônia. «Não sei porque os srs. desejam matar garifas; é o mesmo que atirar num cavalo. Espero que já estejam ao par das leis e regulamentos de caça desta Colônia. Recomendo-lhes o máximo cuidado nas caçadas de elefantes e sobretudo façam o impossível para que não fique nenhum ferido; nesse caso não poderão atirar em outro a não ser na eventualidade de receberem uma carga. E lembrem-se de que de tudo quanto se passar nas selvas eu serei informado aqui.» Essa parte final da recomendação do «chief» deixou-nos intrigados, mas, realmente, no meio dos negros que integram o safari (caravana) há sempre um ou dois delatores que se infiltram com o



Preparando uma isca para leões. Um antilope ou zebra mortos são ligados e solidamente amarrados. A isca não pode ficar em contacto com o solo, pois do contrário as hienas e os chacais liqüidam tudo antes da chegada dos leões. E também costuma-se espetar em cima da isca uma cena de abutre a fim de afugentar as aves de rapina.

propósito de fazer espionagem a favor do Departamento de Caça.

Deixando Nairobi pela manhã do dia 14 de Fevereiro, seguimos para Mombassa, porto banhado pelo Oceano Indico e nosso ponto de partida para o interior. Durante o trajeto entre as duas maiores cidades do Kenya, já pudemos observar o movimento da fauna africana; bandos de gnus, congonis, gazelas, girafas e zebras eram vistos com frequência. Quase ao chegarmos a Mombassa um grande leão atravessou a estrada poucos metros à frente do carro penetrando num parque onde ficou em segurança. A quase totalidade das glébas que margeiam essa estrada são zonas protegidas onde não é permitido disparar um tiro.

A estrada que liga Nairobi ao seu porto, sem ser classificada de excelente, é, entretanto, uma pista que satisfaz plenamente permitindo, pela sua estabilidade, altas velocidades. Com dez horas de viagem alcança-se Mombassa.

O preparo de um safari é sempre complexo, requerendo, à última hora, um sem número de medidas complementares; ainda tivemos que permanecer 2 dias em Mombassa até os retoques finais.

Pela manhã do dia 17 estávamos prontos. Em dois grandes caminhões e duas caminhone-



Aldeia de nativos nas planícies de Bobor



Alberto Machado posando junto a uma chietah que abateu. Esses animais se domesticam facilmente. Dois menores foram capturados vivos, o que é extremamente raro. O "Game Department", entretanto, requisitou os animais e mandou soltá-los em um parque, não atendendo a insistentes pedidos no sentido de permitir o seu embarque para o Brasil.

tes de caça, atulhadas de material até em cima, levavamos toda sorte de equipamento imaginável onde se incluía, desde uma geladeira de 10 pés a querosene, até uma farmácia completa. Por cima dessa tralha amontoavam 27 negros, entre cozinheiros, pisteiros, «skinners» (preparadores de peles), lavadores, arrumadores, «gun bearers» (portadores de armas) etc.

Além desses «boys» iam mais 4 homens de nacionalidade indú: 1 mecânico, os 2 caçadores Ikram e Mamouth, e o cinematografista e fotógrafo Swaraj Singh, excelente companheiro a quem sempre relembremos com saudades. Ao todo 34 homens inclusive os 3 brasileiros.

Retomando a estrada Mombassa-Nairobi que se estendeu por muitas milhas pela planície para depois galgar suavemente o planalto, viajamos algumas horas tomando, na altura da estação de VOI, uma estrada subsidiária que margeia a ferrovia para Tanganyika, que acompanhamos algum tempo para então abandoná-la penetrando planície a dentro.

A tarde ia alta quando sofremos um acidente que nos fez perder algum tempo. Um dos nossos caminhões, justamente aquele que ia mais carregado, virou espetacularmente espalhando a carga por todos os lados. Felizmente não houve danos a lamentar e, repostos sobre as rodas, seguimos mais algum tempo para fazer alta e levantar o nosso 1.º acampamento; aqui pretendíamos ficar duas semanas apenas mas acabamos permanecendo por mais de um mês.

O local onde foram levantadas as barracas era uma pequena colina de cujo cimo a vista se se perdia através de milhas e milhas de pradaria

para se confundir com as névoas do horizonte onde se erguia, imponente, o Kilimanjaro com seus 19.565 pés de altitude, coroado por um floarão de neves eternas. O Kilimanjaro, ponto culminante do sistema africano e um dos mais altos do mundo, só era visível ao cair da tarde ou pela manhã muito cedo quando se apresentava com esplêndida nitidez. Durante as horas de claridade escondia-se atrás da névoa seca ficando invisível por mais radiante e luminoso que fosse o dia.

Dentro de um quadrilátero cuja base era representada pelas Thaita-Hills, pequena cadeia de montanhas situadas ao Sul e juntas do acampamento, tendo por altura cerca de 60 milhas da pradaria até alcançar os contrafortes do Kilimanjaro; limitado a leste pelo Rio Tsavo e a oeste pela linha divisória dos territórios de Kenya e Tanganyika — dentro dessa gigantesca área, durante 40 dias, da manhã à noite, presenciámos a um desfile continuado da mais fantástica e variada fauna que existe sobre a terra.

—:0:—

A primeira noite passada no «bush» africano é deveras emocionante. Mal descem as sombras sobre o acampamento, as hienas, em



Leopardo abatido por Oswaldo Aranha Filho. Deu furiosa carga quando foi ferido.

grupos, cercam de todos os lados e, atraídas pelo cheiro da comida, mas sem ousar transpor o círculo de luz projetada pelos lampiões e fogueiras iniciam um concerto que se prolonga por toda a noite, algumas vezes interrompido pelo rugido característico e compassado dos leões. Como a natureza humana tem a facilidade de se adaptar rapidamente às situações, ao fim de poucos dias ninguém mais dá importância a esses rugidos que passam a fazer parte integrante da vida selvagem africana.

A manhã do dia inaugural da caçada foi toda aproveitada para testar as armas, o que aliás havia sido feito em Nairobi onde verificamos que o arsenal posto à nossa disposição era constituído por armas antigas, especialmente as de grande calibre, nenhuma das quais possuía ejetor automático.

Escolhidas as armas e testadas, a cada um de nós coube duas; uma de grosso calibre para búfalos, rinos e elefantes, e outra cal. 9,30 para antílopes, leões, zebras etc.

Foi com verdadeira ansiedade que fizemos nossa primeira batida logo depois do almoço. Nesse dia saímos todos juntos numa única caminhonete em que acomodamos 10 pessoas. A princípio tivemos que romper forte vegetação o que foi feito pelos pretos por meio de facões e pás a fim de formar uma trilha que nos levasse da colina à planície, onde o terreno é mais propício aos veículos. Durante as primeiras milhas encontramos os campos em grande parte queimados pelos nativos que se dedicam a essa prática por toda a África; alcançando uma região mais verde, pudemos avistar ao longe as primeiras manadas, que disparavam a grande distância logo que avistavam o carro. Verificamos desde logo que a coisa não era tão fácil com julgávamos a princípio. Habitados à África dos cinemas onde a grande maioria senão a totalidade das cenas é feita em parques cujos animais ficam inteiramente mansos, constatamos que aqui, salvo um ou outro caso, os tiros teriam que ser dados a grande distância e assim mesmo depois de uma aproximação muito cautelosa, procurando esconder-se o melhor e evitando o vento que soprasse na direção do alvo.

Coube a mim disparar o primeiro tiro; um pequeno grupo de gazelas de Grant's que seguíamos de longe, fez alta e ficou olhando o carro a cerca de 150 metros. Eu não levava binóculo nem arma com luneta o que reputo agora indispensável para caçar na África. A 150 metros já não é fácil distinguir um animal de outro, mas, mirando naquele que me pareceu o melhor,



Rinoceronte negro. São muito comuns nas planícies do Kenya. É um animal irritado que ataca com frequência. Abatido este exemplar por C. C. Lisboa

puxei o gatilho e tive o desprazer de ver todo o bando em fuga, inclusive o objeto de minha cobiça que, apenas ligeiramente ferido numa perna, em pouco sumia envolto numa nuvem de poeira. Seguindo o bando, pouco adiante apresentou-se nova oportunidade; desta vez Aranha Filho fez sua estréia coroada de êxito, conseguindo a uma distância de talvez duzentos metros atingir o animal na paleta com efeito fulminante. Era um exemplar que nos pareceu bom, embora depois viessemos a encontrar outros bem melhores, mas era, sobretudo, o primeiro trofeu da caçada e, como tal, digno do nosso mais minucioso exame.

Todo animal que abatíamos era filmado e fotografado e, em seguida, entregue à turma do «esfola», cujo trabalho consistia em retirar o couro e os chifres que, na chegada ao acampamento, passavam às mãos dos «kinners», turma encarregada de proceder à limpeza e preparo dos mesmos com produtos químicos de

forma a que pudessem resistir muitos meses até chegarem às mãos do taxidermista.

Nessa tarde Oswaldo ainda conseguiu matar uma grande girafa que foi atingida diversas vezes em pontos vulneráveis como pescoço, paleta, coração. Sempre caminhando, perseguida e atirada, só parou quando atingida na cabeça, caindo espetacularmente, enrolando o pescoço como si fosse imensa serpentina. As girafas são dotadas de extraordinária resistência e eu mesmo tive a experiência ferindo duas antes de matar a primeira, o que só consegui usando uma arma para elefante cal. 500, com bala de aço; mesmo assim, atingida na paleta pelo impacto fantástico da 500, caminhou cerca de cem metros antes de cair morta. Com Alberto também a girafa andou bastante apesar de crivada 9 vezes pelos tiros de uma 416. Essa caçada embora não ofereça grande interesse deve todavia ser feita pelo menos uma vez. Além de representar mais um quadro de caçada é, também, mais um trofeu que se acrescenta à coleção, oferecendo ainda a oportunidade de contemplar de perto um animal cujo tamanho ninguém faz idéia a não ser aqueles que já estiveram na África. As girafas, como os rinocerontes, elefantes e outros que estamos acostumados a ver em jardins zoológicos e cir-



Búfalo negro (*Syncerus cafer cafer*) abatido por
Oswaldo Aranha Filho

cos, são animais geralmente capturados jovens e cujo cativo, alimentação inadequada e falta de exercício, tornaram o crescimento atrofiado. Uma girafa de bom tamanho, dessas que vimos diariamente nos bandos, podia medir uns cinco metros aproximadamente, da cabeça



Eland de Paterson. É um dos maiores antílopes do mundo, superado apenas pelo seu irmão, o Eland de Derby. Este foi abatido por Alberto Lobo Machado. Algumas matadas eram formadas por mais de 200 cabeças

aos pés, e mais de três na altura da parte elevada do tronco.

Findo esse primeiro dia de caçada, ao voltarmos «para casa», o herói era mestre Oswaldo que não cessava de gozar os companheiros chegados de mãos vazias. Mas um bom banho morno preparado pelas mãos de Mohamed, nosso mordomo, alguns cocktails e depois o lauto jantar, consolou-nos e fomos dormir pensando no longo período que ainda tínhamos pela frente.

Dai por diante estabelecemos um programa de revezamento, saindo diariamente as duas caminhonetes para bater pontos diferentes; assim, aquele de nós que saísse sozinho, no dia imediato levava um companheiro. Dessa forma,



— A girafa é de resistência espantosa —

pelo menos duas vezes por semana cada um de nós caçava sozinho, o que dava maiores possibilidades embora fosse menos divertido.

No fim de vinte dias o acampamento apresentava um aspecto bizarro. Grandes quantidades de trofeu se alinhavam atestando o nosso esforço e o resultado excepcional que colheamos.

Nesses vinte dias conseguimos abater um respeitável número de animais, a maioria dos quais antílopes de diversas espécies como impalas, lesser kudus, waterbucks (grand kob) congonis, bush-bucks, oryxes, elands, gazelas, gerenucks, como também diversas zebras, facocheros e algumas girafas.

Cada noite nos reuníamos, de volta da caçada (a saída era de manhã cedo e a chegada nunca antes de 8 da noite), contando as peri-



O "sable" que os franceses chamam de "Antilope cheval"; Nas colônias portuguesas é conhecida por "Palanca negra". É considerado um trofeu raro. Esse belo exemplar foi caçado por Alberto Machado

pécias e cada qual ficava ansioso para examinar os trofeus do dia, esperando sempre pelo momento em que fosse apresentado algum de sensação. Mas os dias passavam e, apesar de encontrarmos por toda parte numerosos indícios da presença de rinocerontes, elefantes e leões, ainda não tínhamos tido uma chance de atirar nesses animais. Oswaldo, é verdade, já havia acertado um grande búfalo e um leopardo, mas Alberto e eu estávamos ainda esperando a vez. Tanto o búfalo quanto o leopardo foram caçados de esbarro, sem necessidade de grandes caminhadas, o que não é comum com búfalos, que às vezes exigem penosas marchas conforme sucedeu comigo tempos depois quando andei durante 8 horas seguidas atrás de uma manada para conseguir matar um deles.

O leopardo é, sem dúvida, o animal mais perigoso de toda a África, pela frequência e rapidez com que ataca, tendo sido ultimamente o que maior número de vítimas tem feito entre os caçadores. Não é muito difícil aparar a carga de um rino ou de um elefante, ou mesmo do búfalo, bastando apenas controle sobre os nervos. Mas os leopardos exigem grandes qualidades no atirador; especialmente quando levemente feridos, desenvolvem uma carga fulminante. A carga do leão também é aterradora mas se dá com menor frequência. O grande caçador J. Hunter, profissional hoje adido ao

«Game Departament», cuja função é exterminar os animais nos locais em que estão se tornando importunos — e que durante mais de quarenta anos de atividades abateu 1.000 rinocerantes, 800 leões e cerca de 1.400 elefantes — considera o leopardo o que ocupa o primeiro lugar na escala de periculosidade, vindo em seguida o leão, o búfalo, o rino e finalmente o elefante.

O leopardo abatido por Oswaldo recebeu a primeira descarga quando fugia, sendo atingido gravemente nas costas e perdendo os movimentos das pernas traseiras. Mesmo assim virou incontinenti e com grandes urros desfechou a carga recebendo o segundo tiro na cabeça quando já se achava a poucos passos do seu matador.

Para caçar elefantes, já havíamos feito uma tentativa, dormindo uma noite nas montanhas situadas perto do rio Tsavo, sem contudo lograr êxito. Apesar de o local se achar batido em todos os sentidos por grandes manadas e termos mesmo avistado alguns, a maioria sendo, entretanto, de fêmeas com filhotes e alguns machos com marfins pequenos, resolvemos, depois de filmados, afastarmos cautelosamente por notar certa irritação por parte das fêmeas que provavelmente já nos estavam sentindo. Durante a noite chegaram junto a nós dando gritos semelhantes a toques de corneta, tornando-

se mesmo ameaçadores e só se afastando quando foram disparadas as armas para o ar.

Decorridos alguns dias desse fato, resolvemos voltar novamente às montanhas do Tsavo, dessa vez por três dias e duas noites. Como só podíamos levar pouco pessoal e 1 viatura, ficou combinado que um de nós não iria, cabendo aos outros dois fazer a caçada de elefantes de cujo êxito ninguém duvidava. Tiramos a sorte para ver quem ficaria, tendo sido Alberto escolhido para o sacrifício.

Durante os três dias, Oswaldo e eu, em companhia de Ikram e mais uns poucos boys, seguimos atrás de numerosas batidas dos paquidermes as quais eram encontradas por todos os lados mas, como da primeira vez, nenhum de porte esteve ao nosso alcance.

Após grande sacrifício, mal dormidos, comendo mal, e sem banhos, resolvemos regressar ao acampamento que alcançamos pela noite, já encontrando nosso companheiro Alberto que, sorridente veio saber do resultado. O nosso havia sido zero. E o dele? Aproveitara bem nossa ausência conseguindo nesses três dias matar um elefante, um rino e um leão, todos caçados ali pertinho!...

Dai por diante, especialmente os rinocerantes, passaram a ser comuns. Em 10 dias matamos seis deles e três elefantes, um dos



Despojos de dois rinocerantes, abatidos em "doublié" por Oswaldo Aranha Filho



Elefante abatido por Clementino C. Lisboa. Peso das defesas: 80 libras cada. Este monstro, pesando algumas toneladas, veio abaixo com um único tiro de cérebro, tendo sido utilizada uma 475 magnum

quais «big-bull», cujo peso das defesas atingia cerca de 80 libras cada. Depois de esgotadas nossas licenças para rinocerontes ainda avistamos meia dúzia deles, alguns monstruosos.

A caçada estava terminando; já havíamos conseguido os animais que mais nos interessavam faltando apenas o sable que não era encontrado nessa região. Para caçá-lo, tivemos que demonstrar nosso acampamento para armá-lo a muitas milhas, junto ao Oceano Índico e quase na fronteira do território de Tanganyika, cujo solo algumas vezes invadimos.

A região que ocupávamos agora, sendo no nível do mar, era tórrida, tanto de dia quanto à noite, ao contrário daquela que deixáramos, a mil metros de altitude, com noites deliciosas em que o cobertor nunca era dispensado.

Nessas planícies de Lunga-Lunga caminhávamos a pé, diariamente, nunca menos de 10 horas, pois os autos não podiam ser usados devido à topografia do terreno formado de grandes torrões onde a marcha tornava-se às vezes desesperante.

Aqui havia abundância de leões que ouviamos todas as noites, elefantes, waterbucks em grandes manadas, e grandes facochêros, o me-

donho javali de verrugas, cujo tamanho descomunal comparado aos seus irmãos do Kilimanjaro, nos deixara impressionados.



Facochêro, conhecido nas colônias inglesas pelo nome de "worthog". É o javali africano de verrugas. Abatido por Clementino C. Lisboa



Leão abatido por Alberto Machado. Em muitas partes da África os leões são destituídos da juba, cujo crescimento é prejudicado pelos espinheiros

O nosso primeiro encontro com os sables deu-se no terceiro dia quando conseguimos avistar, muito ao longe, um pequeno grupo deles, capitaneado por um grande macho todo preto.

A aproximação era difficilima e os animais extraordinariamente desconfiados. Tendo sido eu o contemplado para atirar, segui adiante acompanhado por Hassam; rastejávamos pelo solo tórrido aproveitando todo obstáculo para fazer alta e, pelo binóculo, seguir a atitude dos animasi. Estes estavam imóveis como estátuas olhando firme na nossa direção. Depois de rastejar uns quarenta minutos conseguimos diminuir a distancia para cerca de duzentos metros quando presentimos que o grupo ia disparar. Ajoelhado e tendo pela frente um pequeno arbusto, mais nervoso do que nos momentos de atirar rinocerontes, mirei no grande macho que, de frente, pouca superficie apresentava. Fazendo um grande esforço para dominar os nervos, com o suor a escorrer pelo rosto e da testa para os olhos, suspendi a respiração e puxei o gatilho. O tiro partindo baixo bateu a dois passos do casco do animal que recebeu uma saraivada de terra seca no focinho.

Poucos dias depois outra oportunidade se apresentou tendo Oswaldo sido o sorteado para atirar. Mas nas mesmas condições dificeis perdeu também o seu sable, para desespero de todos nós.

No último dia de caçada, quando já nenhuma esperança nos restava de conseguir esse bellissimo e raro trofeu que merecera de nossa parte uma viagem especial, foi que alcançamos um retumbante e completo êxito.

Abandonando as proximidades do Oceano que frequentemente avistavamos, resolvemos caminhar para o interior onde a região se elevando um pouco era formada por numerosas colinas revestidas de densa vegetação. Tínhamos andado algumas horas e enquanto nos preparavamos para o almoço enviamos alguns pisteiros pelas redondezas para observações. Passados poucos minutos, dois dos nossos melhores pisteiros, Sáidi e Sô, esbaforidos chegaram para anunciar a presença dos sables nas proximidades.

Largamos almoço pelo meio e após curta caminhada avistamos entre as árvores, em magnificas condições de tiro, uma grande manada integrada por alguns machos de impressionante porte. Alberto tomou posição na frente, ficando Oswaldo e eu para trás, mas prontos para entrar em ação tão logo Alberto terminasse o seu serviço, o que fez magistralmente, derrubando o exemplar mais belo do grupo. Este dispôs-se mas, colhido de surpresa, indecisos os animais, sem saber o que realmente ocorria, dando a impressão de que nunca haviam visto o homem branco, permitiram que nos infiltrássemos no centro deles, matando quatro e ferindo outros, o que lamentavelmente aconteceu pela confusão do momento.

Então pudemos contemplar de perto esse animal que tanto trabalho e decepções nos dera. De grande semelhança com o cavalo, ao ponto de os franceses chamarem-no «Antilope Cheval», possui os cornos anelados, muito longos e curvos para trás. As fêmeas são de coloração mais clara, possuem também cornos embora mais finos, e contrastam com os machos que têm o pelo negro e luzidio e uma bela crina aparada que corre graciosamente pelo pescoço.

Nessa tarde terminava de forma altamente satisfatória o safari que por dois meses nos reteve ausentes da Pátria.

A África exerce, e não sem razão, uma irresistivel atração sobre os amantes da caça de pelo. A estes eu me dirijo agora para dizer-lhes que não hesitem, se têm condições para partir: cada dia passado na África revela um quadro novo e uma nova emoção que nos acompanha-rão por tôda a vida.

FAUNA

REVISTA MENSAL DE CAÇA, PESCA, CAES, TIRO E AVENTURAS EM GERAL



NESTE NUMERO — AS AVENTURAS DE TRES BRASILEIROS NA AFRICA, NUMA REPORTAGEM ESPECIAL DE CLEMENTINO C. LISBOA, PARA A REVISTA "FAUNA"

ANO XII — NUM. 2 — FEVEREIRO DE 1953 — PREÇO CRS 6,00